ReGeo ISSN: 2177-3246

CORPOS EM DISPUTA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NAS REDES SOCIAIS E SEUS EFEITOS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES JUVENIS

BODIES IN DISPUTE: GENDER REPRESENTATIONS ON SOCIAL MEDIA AND THEIR EFFECTS ON THE CONSTRUCTION OF YOUTH IDENTITIES

CUERPOS EN DISPUTA: REPRESENTACIONES DE GÉNERO EN LAS REDES SOCIALES Y SUS EFECTOS EN LA CONSTRUCCIÓN DE IDENTIDADES JUVENILES

https://doi.org/10.56238/revgeov17n9-061

Data de submissão: 14/08/2026 **Data de publicação:** 14/09/2026

Gisely Storch do Nascimento
Doutora
Instituição: Universidade Federal de Rondônia
E-mail: Gisely.storch@ifro.edu.br

Rafael Norberto de Aquino
Doutor
Instituição: Universidade Estadual de São Paulo
E-mail: Rafael.norberto@ifro.edu.br

Júlia Cristóvão de Aquino
Bolsista CNPq, Estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio
Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) - Campus Colorado do Oeste
E-mail: julia.aquino@estudante.ifro.edu.br

Tayuna Martins de Oliveira
Bolsista CNPq, Estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio
Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) - Campus Colorado do Oeste
E-mail: martins.o@estudante.ifro.edu.br

Herak Storch do Nascimento
Graduando do curso Superior em Tecnologia em Gestão Comercial
Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) - Campus Jaru
E-mail: heraksn@icloud.com

RESUMO

Este artigo analisa a circulação de representações de gênero em plataformas digitais e seus impactos na formação identitária de jovens usuários/as. Partindo da premissa de que o ambiente virtual atua como um espaço mediador de práticas socioculturais e performatividades, a investigação articula o aporte teórico dos estudos de gênero, comunicação e juventude à análise empírica de interações discursivas e caixas de comentários de redes sociais (Instagram, TikTok e X). Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo, empregando princípios da Análise de Conteúdo e da Análise Crítica do Discurso. Os resultados evidenciam que as redes operam sob uma constante tensão dialética: enquanto servem à reiteração de estereótipos hegemônicos e táticas de silenciamento discursivo, constituem também arenas de disputa conceitual, agência reflexiva e

negociação identitária. Conclui-se que o letramento crítico e a promoção da equidade de gênero nos ambientes digitais são fundamentais para o fortalecimento da cidadania juvenil.

Palavras-chave: Gênero. Redes Sociais. Juventude. Identidade. Performatividade.

ABSTRACT
This article analyzes the circulation of gender representations on digital platforms and their impacts on the identity formation of young users. Starting from the premise that the virtual environment acts as a mediating space for sociocultural practices and performativities, the investigation articulates the theoretical contributions of gender, communication, and youth studies with the empirical analysis of discursive interactions and comment boxes on social networks (Instagram, TikTok, and X). Methodologically, a qualitative approach of an exploratory and descriptive nature is adopted, employing principles of Content Analysis and Critical Discourse Analysis. The results show that the networks operate under a constant dialectical tension: while serving to reiterate hegemonic stereotypes and tactics of discursive silencing, they also constitute arenas of conceptual dispute, reflexive agency, and identity negotiation. It is concluded that critical literacy and the promotion of gender equality in digital environments are fundamental for strengthening youth citizenship.

Keywords: Gender. Social Networks. Youth. Identity. Performativity.

RESUMEN
Este artículo analiza la circulación de representaciones de género en plataformas digitales y su impacto en la formación de la identidad de los jóvenes usuarios. Partiendo de la premisa de que el entorno virtual actúa como un espacio mediador para las prácticas y performatividades socioculturales, la investigación articula las contribuciones teóricas de los estudios de género, comunicación y juventud con el análisis empírico de las interacciones discursivas y los comentarios en redes sociales (Instagram, TikTok y X). Metodológicamente, se adopta un enfoque cualitativo, exploratorio y descriptivo, empleando principios de análisis de contenido y análisis crítico del discurso. Los resultados muestran que las redes operan bajo una constante tensión dialéctica: si bien sirven para reiterar estereotipos hegemónicos y tácticas de silenciamiento discursivo, también constituyen espacios de disputa conceptual, agencia reflexiva y negociación de la identidad. Se concluye que la alfabetización crítica y la promoción de la igualdad de género en entornos digitales son fundamentales para fortalecer la ciudadanía juvenil.

Palabras clave: Género. Redes Sociales. Juventud. Identidad. Performatividad.

1 INTRODUÇÃO

A expansão e a centralidade das plataformas de redes sociais no século XXI reconfiguraram significativamente os processos de sociabilidade, a circulação de discursos e os modos de subjetivação, particularmente entre as juventudes. Plataformas como Instagram, TikTok, YouTube e X (antigo Twitter) deixaram de atuar como meros suportes de entretenimento e consolidaram-se como ecossistemas sociotécnicos complexos, nos quais visibilidades, afetos e capitais simbólicos são continuamente negociados. Nesse contexto midiático, as representações de gênero ganham destaque, sendo reiteradas, subvertidas ou tensionadas através de imagens, vídeos e dinâmicas interativas.

A juventude, enquanto categoria social em constante transição e busca por pertencimento, encontra nesses espaços digitais referências centrais para a elaboração de suas identidades. Conforme postula Scott (1995), o gênero constitui não apenas uma diferença percebida entre os sexos, mas uma categoria analítica primordial para a compreensão das relações de poder e das construções sociais que sustentam assimetrias. Em ambientes digitais caracterizados pela alta visualidade e por lógicas algorítmicas de engajamento, tais assimetrias manifestam-se tanto na perpetuação de modelos hegemônicos de beleza e comportamento quanto na imposição de expectativas normativas sobre os corpos.

Contudo, a cultura digital não atua de modo unidirecional. Paralelamente à reprodução de estereótipos conservadores e masculinidades nocivas, observa-se a emergência de contra-narrativas fundamentadas nos feminismos contemporâneos, nas reivindicações da comunidade LGBTQIAPN+ e na defesa da diversidade. A arena virtual torna-se, portanto, um território de disputas simbólicas.

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar de que maneira as representações de gênero e as interações discursivas veiculadas em redes sociais influenciam a construção, o reforço ou a desconstrução de normas identitárias entre os jovens. Busca-se problematizar como os sujeitos juvenis interpretam, resistem ou reproduzem tais discursos nas caixas de comentários e debates públicos digitais.

2 APORTE TEÓRICO: GÊNERO, PERFORMATIVIDADE E A CULTURA DAS MÍDIAS

2.1 GÊNERO E PERFORMATIVIDADE: AS CONTRIBUIÇÕES DE SCOTT E BUTLER

A compreensão do gênero como um construto histórico, social e linguístico desestabilizou visões essencialistas e determinismos biológicos. Joan Scott (1995) define o gênero como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de conferir significado às relações de poder. Essa conceituação permite desnaturalizar as divisões e hierarquias sociais, evidenciando como a cultura constrói binarismos funcionais à dominação.

A autora toma o gênero como uma categoria de análise histórica: não uma resposta, mas uma pergunta, um modo de fazer perguntas. Ele é, para autora, “fazer perguntas históricas”, um convite a se pensar criticamente como corpos sexuados são produzidos, implantados, modificados e, também, como sobrevivem (Scott, 2010, p. 9). Na primeira parte do conceito por ela apresentado aparece a relação diferença sexual/gênero: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (Scott, 1990, p. 86), um pouco parecida com a ideia de algum modo inaugurada por Simone de Beauvoir.

Judith Butler (2003) avança nessa discussão ao conceituar o gênero a partir da noção de performatividade: o gênero não consiste em um atributo essencial pré-existente, mas em uma prática reiterada de atos corporais, gestos e discursos que instituem a ilusão de uma substância interior fixa.

> [...] o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (Butler, 2003, p. 25).

Nesse sentido, na esteira de Foucault, Butler argumenta que o processo de identificação de gênero é sempre um processo de essencialização informado por relações de poder-saber, que funciona no sentido de transformar atos isolados em substância. A identidade é, portanto, continuamente encenada e produzida pela repetição de normas regulatórias. Quando aplicada ao meio digital, essa perspectiva evidencia como postagens, enquadramentos de câmeras e estilos performáticos operam na consolidação ou no questionamento de padrões de gênero.

2.2 A ESPETACULARIZAÇÃO DO EU E A CULTURA DIGITAL

No cenário contemporâneo, as mídias digitais funcionam como poderosos vetores de ampliação e sofisticação dessa performatividade de gênero. Santaella (2010) destaca a consolidação de uma "estética da visibilidade" na cibercultura, uma lógica em que existir socialmente pressupõe ser visto. Nesse ambiente, a exposição sistemática de si deixa de ser uma escolha meramente narcísica para se tornar uma exigência fundamental para a obtenção de reconhecimento e legitimação social. Os corpos juvenis, portanto, são inseridos em uma vitrine ininterrupta, onde a aparência, a estética e o comportamento de gênero são constantemente monitorados e avaliados pelo escrutínio do olhar do "outro" coletivo, exigindo adequações contínuas.

Em consonância com essa urgência de se fazer visível, Sibilia (2008) diagnostica a emergência do "show do eu". Trata-se de um processo pelo qual as fronteiras históricas entre o espaço público e o privado se diluem, e a intimidade — antes resguardada — passa a ser espetacularizada como a principal

estratégia de afirmação subjetiva. Para os/as jovens, compartilhar a rotina, as preferências estéticas, as relações afetivas e até mesmo as vulnerabilidades torna-se um modo de chancelar suas identidades. No que tange à performatividade descrita por Butler (2003), o "fazer o gênero" migra para as telas: ser homem, mulher ou assumir uma identidade não normativa passa a exigir a produção contínua de "provas visuais" e discursivas — como selfies, vídeos curtos e trends — que encenem e atestem essa identidade perante a audiência virtual.

Essas performances, no entanto, não ocorrem em um espaço neutro ou livre de hierarquias. Conforme pontua Recuero (2022), as redes sociais organizam seus fluxos comunicacionais não apenas por afetos espontâneos, mas por meio de lógicas algorítmicas orientadas por métricas de engajamento (curtidas, visualizações, comentários e compartilhamentos). Nesse ecossistema, a atenção atua como moeda de troca, e determinadas performances de gênero ganham centralidade simbólica e capital social em detrimento de outras. Comportamentos que se enquadram em padrões estéticos hegemônicos — como a hipersexualização normatizada ou a ostentação de masculinidades tóxicas — frequentemente são recompensados pelas plataformas com maior alcance. Da mesma forma, discursos polarizados geram alto tráfego, incentivando os/as usuários/as a modular suas identidades e discursos para atender às demandas de consumo de sua audiência, transformando as subjetividades juvenis e corporais em dados e produtos engajáveis.2.3 Juventude, Regulação Normativa e Interseccionalidade

Guacira Lopes Louro (1997) ressalta que as instâncias educativas e culturais — incluindo os meios de comunicação — funcionam como aparelhos reguladores de gênero e sexualidade, demarcando fronteiras entre o que é normativamente aceito e o que é empurrado para a margem da dissidência. Do ponto de vista da juventude, Dayrell (2003) enfatiza que a condição juvenil é multifacetada e construída no diálogo constante com as linguagens e produtos midiáticos de seu tempo.

Ademais, a complexidade dos discursos digitais demanda um enquadramento interseccional. Conforme articulado por Kimberlé Crenshaw (2002), os marcadores sociais de gênero, raça, classe e geração não operam de forma isolada, mas se sobrepõem e potencializam vulnerabilidades ou privilégios. No espaço das redes, essas interseções delimitam quais vozes conquistam autoridade discursiva e quais enfrentam tentativas de silenciamento ou desqualificação.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta investigação orienta-se por uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa adota uma perspectiva naturalística e interpretativa sobre os fenômenos sociais, compreendendo-os no interior de seus

contextos de produção de sentido. Gil (2017) ressalta que o desenho exploratório-descritivo é adequado para mapear fenômenos dinâmicos e emergentes.

A constituição do corpus documental baseou-se na coleta de enunciados e comentários públicos extraídos de postagens com alta repercussão em plataformas como Instagram, TikTok e X. A seleção priorizou recortes temáticos centrados em debates de gênero, representações identitárias, masculinidades e embates políticos em torno do feminismo.

O tratamento e a interpretação do material empírico seguiram os preceitos da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) articulados à Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001). No âmbito da Análise de Conteúdo, a análise categorial figura como a técnica mais clássica e estruturante (BARDIN, 2011). A categorização consiste em uma operação de desmembramento do texto em unidades constitutivas (unidades de registro e de contexto) e seu posterior reagrupamento analítico em classes ou rubricas temáticas, com base em critérios de equivalência semântica e sintática (BARDIN, 2011).

Esse procedimento metodológico organiza-se em três etapas fundamentais e inter-relacionadas:

1. **Pré-análise e Leitura Flutuante:** fase exploratória em que a pesquisa estabelece o primeiro contato sistemático com o corpus (postagens e caixas de comentários), delimitando o material, organizando os documentos e formulando hipóteses interpretativas preliminares;
2. **Exploração do Material (Codificação e Recorte):** processo de transformação do dado bruto em núcleos de significação, por meio do isolamento de trechos textuais recorrentes, vocábulos e enunciações-chave nas interações digitais;
3. **Tratamento dos Resultados, Inferência e Interpretação:** etapa em que as unidades codificadas são condensadas em categorias analíticas representativas, permitindo a superação da superfície textual em direção às estruturas ideológicas, de poder e de representação social subjacentes (BARDIN, 2011; FAIRCLOUGH, 2001).

Para assegurar a validade interna e o rigor qualitativo da análise, a elaboração das categorias observou as qualidades epistemológicas preconizadas por Bardin (2011):

- **Exclusão mútua:** cada elemento do discurso pertence a uma única categoria no mesmo plano analítico, evitando ambiguidades de classificação;
- **Homogeneidade:** os critérios de classificação são consistentes ao longo de todo o corpus analisado;
- **Pertinência e Produtividade:** as categorias respondem diretamente aos objetivos da pesquisa e geram inferências teóricas ricas sobre juventude, gênero e redes sociais;
- **Objetividade e Fidelidade:** o protocolo de categorização fundamenta-se em indicadores

empíricos explícitos extraídos das interações analisadas.

Em observância às diretrizes éticas da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (Resolução CNS nº 510/2016), os dados coletados restringiram-se a interações estritamente públicas, preservando a identidade dos sujeitos.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO: TENSÕES E DISPUTAS DE GÊNERO NAS REDES

A análise das interações empíricas coletadas permitiu organizar os discursos em três categorias fundamentais, sintetizadas na tabela a seguir:

Tabela 1

Categoria Analítica	Indicadores Empíricos	Fundamentação Teórica
Ressignificação e Disputa Conceitual	Feminismo associado à liberdade de escolha religiosa/familiar; confusão conceitual e deslegitimação histórica.	Butler (2003); Dayrell (2003).
Silenciamento e Relações de Poder	Crítica ao cerceamento da fala feminina em debates virtuais (*manterrupting* e policiamento do tom).	Scott (1995); Louro (1997).
Socialização e Masculinidades	Debate sobre formação de masculinidades, apelo à aliança masculina e interseccionalidade periférica.	Crenshaw (2002); Fairclough (2001).

Fonte: Autores.

4.1 DISPUTAS EM TORNO DO FEMINISMO: ENTRE A RESSIGNIFICAÇÃO E A DESLEGITIMAÇÃO

Os enunciados analisados expõem tensões conceituais relativas aos significados do feminismo na contemporaneidade. De um lado, identifica-se um movimento de ressignificação individual que busca harmonizar o ideário feminista com estilos de vida e matrizes religiosas tradicionais:

> *"sou feminista, feminina, esposa e cristã. até pq o feminismo permite eu também escolher qual religião eu quero seguir." (Comentário 1)*

A fala acima expressa uma apropriação do feminismo focada na agência e na liberdade de escolha, conciliando elementos historicamente tidos como contraditórios. Essa negociação corrobora

a tese de Butler (2003) sobre o caráter dinâmico e contextual das performatividades: a identidade não é um bloco rígido, mas uma construção discursiva que os sujeitos remodelam para conciliar autonomia e pertencimento social.

Por outro lado, persistem enunciados marcados pela deslegitimação histórica e pela incompreensão teórica:

> *"Quem disse que o voto foi conquista feminista?????" (Comentário 2)*
> *"mulher pode ser feminista e o homem machista, pronto, claramente isso e justo, CASO INSERADO" (Comentário 3)*

Nessas falas, nota-se o apagamento de lutas históricas e a falsa equivalência entre feminismo (movimento de emancipação e busca por direitos) e machismo (sistema estrutural de opressão). Esse conflito gera respostas pedagógicas de outros internautas que pontuam distinções entre termos e corrigem as narrativas distorcidas. Há também a manifestação explícita de dúvidas por parte de usuários mais jovens, como *"adolescente tb pode ser feminista?"*, ilustrando o argumento de Dayrell (2003) de que os jovens recorrem às redes para encontrar parâmetros de validação e construir seus posicionamentos políticos e existenciais.

4.2 DINÂMICAS DE SILENCIAMENTO, RELAÇÕES DE PODER E CONFLITO INTERPESSOAL

Ao analisar postagens que envolvem debates públicos e divergências de opinião entre criadores de conteúdo de sexos opostos, constata-se a emergência de denúncias contra o silenciamento sistemático de mulheres:

> *"mais será q ela iria precisar gritar se ele deixasse ela falar ?" (Comentário 4)*
> *"o cara nao cala a boca e quer que ela pare de gritar, ela falando baixo ele nao respeita e ela gritando ele tmb nao respeita tipo??" (Comentário5)*

Essas interações expõem práticas discursivas de dominação — como a interrupção compulsiva da fala feminina (*manterrupting*) e o policiamento do tom de voz. Tal mecanismo corrobora a análise de Scott (1995), que define o gênero como campo primário de exercício e articulação do poder. Conforme pontua Louro (1997), os discursos normativos regulam os limites da autoridade de fala; quando a mulher rompe com a postura de submissão, sua reação é frequentemente rotulada como desproporcional para desqualificar seu argumento.

4.3 SOCIALIZAÇÃO DE GÊNERO, MASCULINIDADES E INTERSECCIONALIDADE

O terceiro eixo abrange reflexões sobre a socialização masculina e os efeitos dos produtos culturais de massa na naturalização de posturas machistas:

> *"No meu ponto de vista, essa questão depende da educação e da exposição que o menino tem durante o crescimento. um menino de periferia está constantemente exposto a músicas que sexualizam a mulher, por exemplo." (Comentário 6)*

A manifestação articula a problemática de gênero a condicionantes de classe e localização geográfica (periferia), indo ao encontro do conceito de interseccionalidade de Crenshaw (2002). Evidencia-se a percepção de que a formação das subjetividades masculinas é atravessada por estímulos culturais que muitas vezes hipersexualizam o corpo feminino e reafirmam masculinidades hegemônicas.

Em contrapartida, outros comentários exigem a responsabilização ética e o engajamento dos homens na desconstrução dessas práticas:

> *"Homens vocês precisam se importar porque pessoas que não se importam fazem políticas que não nos dão importância." (Comentário 7)*
> *"torço para encontrar HOMENS que querem mudar essa realidade, só nós mulheres não conseguimos fazer isso sozinhas..." (Comentário 8)*

Esses discursos indicam que parte expressiva do público juvenil compreende a superação das desigualdades de gênero como uma tarefa coletiva, demandando que a masculinidade deixe de ser concebida como privilégio intocável e passe a ser repensada criticamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação evidenciou que as redes sociais operam como um território hipercomplexo de disputas simbólicas e materiais em torno do gênero, no qual se entrelaçam mecanismos de controle algorítmico, reprodução ideológica e processos autênticos de agência juvenil. Longe de configurarem meras plataformas passivas de transmissão de conteúdo, as redes constituem verdadeiros ecossistemas sociotécnicos que medeiam ativamente a socialização, os afetos e a construção das subjetividades contemporâneas.

Os dados empíricos revelaram uma dinâmica dialética marcante. De um lado, as seções de comentários e as dinâmicas de debate ainda reproduzem práticas estruturantes de opressão histórica, tais como a deslegitimação epistemológica do feminismo, a falsa simetria entre machismo e emancipação feminina, e o silenciamento deliberado das vozes femininas por meio de interrupções

sistemáticas (manterrupting) e vigilância de tom. Ademais, a mercantilização da visibilidade e a espetacularização da intimidade continuam a favorecer a circulação de modelos corporais hipersexualizados e masculinidades hegemônicas, impulsionadas pelas métricas de engajamento das plataformas.

Por outro lado, o estudo demonstrou a vitalidade da agência crítica entre os jovens. As caixas de comentários convertem-se frequentemente em trincheiras pedagógicas horizontais, onde usuárias e usuários corrigem distorções conceituais, ressignificam o feminismo à luz de suas vivências cotidianas (conciliando autonomia com pertencimentos religiosos e familiares) e reivindicam a corresponsabilização ética dos homens na desconstrução do patriarcado. Essa constatação reforça que a performatividade de gênero nas redes não se restringe à sujeição às normas hegemônicas, mas abre brechas para atos subversivos e afirmativos de novas formas de existência e cidadania.

Diante desse panorama, sobressai a urgência de políticas educacionais que integrem o letramento digital crítico e a educação para as relações de gênero nos currículos escolares e nos programas de formação docente. A escola não pode ignorar a centralidade da cultura digital na vida dos estudantes; pelo contrário, deve fornecer ferramentas teóricas e metodológicas para que as juventudes decodifiquem criticamente os algoritmos, desnaturalizem estereótipos midiáticos e façam do ambiente virtual um instrumento de emancipação, equidade e respeito irrestrito aos direitos humanos.

Por fim, reconhece-se a relevância de investigações futuras que aprofundem as especificidades de diferentes ecossistemas de plataformas (como as particularidades dos formatos audiovisuais curtos frente aos textos) e investiguem, a partir de recortes interseccionais mais amplos, o impacto das arquiteturas algorítmicas na formação de bolhas de radicalização e nos modos como jovens de periferias urbanas e rurais vivenciam suas identidades digitais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. São Paulo: Ed. UFRN, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt . Acesso em 12 de maio de 2026.

DAYRELL, Juarez. A juventude como categoria social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, jan./abr. 2003. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000300004&script=sci_abstract . Acesso em 10 de abril de 2026.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2022.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2010.

SCOTT, Joan W. *Gênero*: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 5-22, 1990.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721 . Acesso em 12 de maio de 2026.

SCOTT, Joan W. Gender: still a useful category of analysis? *Diogenes*, v. 57, n. 1, p. 7-14, 2010. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/diogenes/article/abs/gender-still-a-useful-category-of-analysis/737D82DCC7D311B2D7E58C60246EB511 . Acesso em 20 de junho de 2026.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.